

TERCEIRO SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO PROJECTO PENSANDO GOA Aix-en-Provence e Marselha

9-10 de Maio 2018 : Reunião Membros Projecto *Pensando Goa*

12-13 de Maio de 2018 : Colóquio Internacional :

Patrimonializar a memória diaspórica

O colóquio internacional organizado no âmbito do projecto *Pensando Goa* (USP), pelo laboratório IMAF (Institut des Mondes Africains/CNRS), o Departamento de Estudos Luso-brasileiros e pela Cátedra Eduardo Lourenço (Camões IP) inscreve-se num eixo onde a Universidade de Aix-Marselha e o Departamento de Estudos Luso-Brasileiros têm investido de maneira pioneira nos últimos dez anos : o estudo da valorização científica e da visibilidade turística dos patrimónios materiais e imateriais.

A encenação das práticas e saberes pressupõe uma associação transdisciplinar complexa que a experiência de projectos como *Pensando Goa* pode hoje mobilizar a favor da visibilidade dos patrimónios goeses, no cruzamento entre Literatura, História, História da Arte, Antropologia, Linguística.

No âmbito dos novos eixos de pesquisa transdisciplinar, Goa representa uma das mais interessantes possibilidades de estudo. Este contexto possui não só um dos mais ricos patrimónios da Ásia como um dos maiores potenciais turísticos do mundo. Ele ocupava, no imaginário europeu dos viajantes da época Moderna, o lugar que ocupa hoje o Rio de Janeiro no desejo de descoberta do turista ocidental. Goa dispõe de uma magnífica paisagem costeira e rural, assim como de um património cultural singular. No entanto, o seu património material, reconhecido pela UNESCO, encontra-se ameaçado por um excessivo número de visitas turísticas nacionais e internacionais e um investimento insuficiente nas infra-estruturas de acolhimento do público. Pelo contrário, o património privado (casas palaciais, capelas familiares, pequenos templos) não consegue estruturar-se como sector rentável, o que põe em perigo a sua manutenção e sobrevivência.

Muitos países ocidentais com uma forte componente turística conseguiram captar o investimento de instituições e verbas governamentais na valorização do património imaterial (saberes, técnicas, línguas, artes, música, literaturas, tradição oral e escrita) dado o potencial económico e de prestígio (nomeadamente o reconhecimento pela UNESCO) que ele viria a constituir. Não tem sido, todavia, este o caso das autoridades e instituições goesas. Este papel tem vindo a ser desempenhado por programas universitários internacionais, por associações regionais e por alguns detentores de bens históricos. Existem, nesse âmbito, projectos de desenvolvimento de prática museológica e de valorização de eventos tradicionais. A desintegração progressiva das antigas comunidades da sociedade goesa (devida a factores como a idade avançada, a migração, a emigração, a forte imigração) explica em parte este contexto. A escassez dos instrumentos de apoio existentes (suportes informativos, comunicação ...) também contribui para essa ausência de visibilidade.

A época dita « portuguesa », a qual interessa uma boa parte dos pesquisadores do projecto *Pensando Goa*, representa um potencial importante no que diz respeito às diásporas no sentido amplo do termo. Como em muitas outras regiões do mundo, as comunidades que possuem uma identidade « diaspórica », como é o caso da goesa (cristãos, hindus, e, em menor dimensão, muculmanos, arménios e judeus), constituem um verdadeiro potencial de repositório de memória. Por outro lado, além da já conhecida América colonial, a Ásia e a África coloniais representam um novo segmento de descoberta para o « turismo de nicho » ocidental atento aos critérios de desenvolvimento sustentável e respeito pelas populações locais. Esse fenómeno seduz cada vez mais os investigadores, preocupados com a possível ameaça de « zoologização » das populações locais (é o caso, actualmente, por exemplo, de certas aldeias de tradição judaica em Portugal).

Os resultados da pesquisa académica levam, por vezes, à reprodução dos mitos diaspóricos em certos grupos sociais como tem vindo a ser o caso da comunidade afro-brasileira do Rio de Janeiro perante a descoberta e patrimonialização pela UNESCO do cemitério do Valongo. Por isso, o universo académico tem um papel de

relevo a desempenhar neste processo da re-criação, de re-apropriação e, sobretudo, de descolonização da memória, fenómeno no qual ele é um dos actores.

Propomos três eixos de análise e discussão

EIXO 1 – PRODUZIR EM SITUAÇÃO DE DIÁSPORA e PRODUZIR SOBRE AS DIÁSPORAS

Coordenação : José Tavim (IICT/UNL, Pauline Cherrier (IRASIA)

Este eixo permitirá avaliar a natureza e continuidade da produção cultural de indivíduos e grupos sociais em situação de diáspora (Portugueses na Índia, Portugueses fora da Índia Portuguesa..., mas também outras comunidades e nacionalidades para estabelecer um eixo comparativo). Serão analisados os processos de manutenção da identidade cultural das comunidades asiáticas, goesas (cristãs e hindus), nomeadamente a publicação de imprensa em Moçambique ou na Índia Britânica, a patrimonialização do passado, a ré-invenção da História, a criação de um imaginário comunitário, onde a nostalgia da *homeland* e as críticas a ela produzidas conduziram a uma interessante actividade literária.

A articulação entre a herança de memória e as culturas dos novos espaços de residência constitui actualmente um eixo de reflexão para os investigadores sobre o oceano Índico. Inversamente, a inserção das comunidades goesas nos diferentes contextos de diáspora representam um objecto de investigação em diferentes perspectivas teóricas. Este painel tem como objectivo avaliar os resultados destas intersecções, dos conflitos e ambiguidades que produziram, das harmonias e entendimentos, das respectivas produções culturais.

Mais recentemente, o fenómeno do romance histórico (anglosaxónico, lusófono, francófono) sobre as diásporas (judias, captivas...) em movimento e em situação de perseguição/exílio forçado representam hoje um dos sectores mais rentáveis do mundo editorial (romance e até romance gráfico). Certamente, este imaginário estereotipado da perseguição, já traduzido também em circuitos de *dark tourism* (rota dos escravos, bairros judeus...) não corresponderá ao próprio imaginário que as diásporas procuraram construir ao longo das gerações. Esse sector da pesquisa tem vindo a desenvolver-se com os trabalhos pioneiros de Maria Graciete Besse (Univ. Sorbonne) e Maria Fátima Marinho (Univ. Porto).

EIXO 2 – DA INVISIBILIDADE À ICONOGRAFIA ATOMIZADA : VISUALISAR AS DIÁSPORAS E AS MINORIAS EM GOA E GOESAS NO MUNDO

Coordenação : Carla Francisco (IMAF), Luis Cabral de Oliveira (CEDIS)

Este eixo pretende reflectir sobre a produção iconográfica colonial e pós-colonial das diásporas em situação de : 1/migração (funcionários, militares, particulares...), 2/catividade (escravos, cafres), 3/ movimentação forçada (deportação, degredo, exílio...), 4/viagem de descoberta.

Este eixo permitirá alimentar a reflexão sobre a patrimonialização de um sector iconográfico pouco explorado pela historiografia : o da vasta comunidade dos condenados (inquisição, direito comum....) à deportação nos portos da África e da Ásia, entre os quais muitos acabaram por desertar e aceitar servir soberanos locais. A iconografia britânica, holandesa, mogol, malásia e outras guardam por vezes ínfimos rastros que podem enriquecer a pesquisa documental.

Por outro lado, a invisibilidade das diásporas nas representações iconográficas da Ásia e África portuguesas até ao século XIX, contrasta com uma produção quasi obsessiva de imagens no Brasil (pintura, escultura, gravura, fotografia...), imagens largamente divulgadas no mundo ocidental a partir do século XIX. As causas desses fenómenos de visibilidade/invisibilidade podem ser discutidas e alimentar a reflexão em todas as disciplinas de pesquisa.

Gostaríamos que este eixo reunisse, no que diz respeito à Índia, pesquisadores, conservadores do património e colecionadores privados. Trata-se de pensar a ideologia da produção iconográfica e as estratégias posteriores de conservação ou destruição das imagens. O sector da gravura e fotografia colonial pode ser particularmente valorizado. No final, esperamos que o colóquio alimente o projecto *Pensando Goa* no eixo patrimonial respeitante à construção de uma base de dados iconográfica sobre as diásporas na África e na Índia portuguesas.

EIXO 3 - « LITERATURA E TURISMO, REPRESENTAÇÕES E PRODUÇÕES TEXTUAIS DAS MINORIAS »

Coordenação : Rita Baleiro (Univ. Algarve – C.E.C), Adriana Florent (CAER/AMU)

Este eixo inscreve-se na continuidade dos resultados científicos do projecto de pesquisa *Lit&tour*, criado em 2012 pela iniciativa de vários laboratórios portugueses e brasileiros. Os exemplos famosos do Castelo de If em Marselha (*Conde de Monte Cristo*, e o abade Faria) ou até mais recentemente de *Harry Potter* em Oxford... Provam que a obra literária oferece, pela ficção, uma notoriedade mundial a um espaço fictício e impõe por consequência esta identidade da ficção ao espaço real. Este último acaba por legitimá-la como elemento de memória patrimonial. As casas/museu de escritor, pensadas a partir do modelo inglês, são puras ficções elas também. A Bahia do Jorge Amado é a de suas personagens e os leitores turistas visitam a cidade com um romance na mão. O mesmo acontece, em ponto menor, com a Goa de Tabucchi. Numa época de viagens acessíveis à maioria das classes sociais, o leitor de ficção constrói este nicho privilegiado e exigente : a versão lazer da sua prática de leitura. Esta « inovação » nos produtos editoriais da ficção atrai actualmente um apoio cada vez maior das instituições nacionais e municipais (cf a Lisboa de Fernando Pessoa, a Leiria de Eça de Queiroz...) e requer uma articulação com a pesquisa universitária.

Quando pensamos em turismo literário e por consequência em turistas literários, nós pensamos evidentemente numa minoria de indivíduos (puro conceito de turismo de nicho) no universo gigantesco do deslocamento de lazer. Na realidade, a relação entre turismo e literatura já é, ela própria, um nicho dentro segmento muito minoritário do turismo cultural. Levando em conta o carácter restrito do painel « literatura e turismo », representações e produções textuais das minorias, nós gostaríamos de acolher comunicações susceptíveis de promover a reflexão sobre os tópicos seguintes : 1/ representações de experiências de turismo literário, 2/ representação dos turistas literários 3/ Imaginário dos lugares e destinos literários, incluindo o *dark tourism*. Trata-se de pensar as práticas e os métodos de análise para esse novo segmento de pesquisa científica, aplicáveis à criação de produtos turísticos pelas instituições culturais. Integramos na « genética literária » todo tipo de criação ficcional (relato de viagem, romance, ensaio, poesia, biografias de santos ou personagens famosos...).

PRAZO PARA ENVIO DOS RESUMOS : 8 de Janeiro de 2018

LINGUAS DE COMUNICAÇÃO : português, inglês, francês

Mail para contacto: ernestine.carreira@gmail.com

COMITE ORGANIZADOR

Luis Pedrosa de Lima Cabral de Oliveira (ESTG Leiria, CEDIS (UNL), Rita Baleiro (Univ. Algarve/C.E.C), José Tavim (U.L. – C.H.)

A.M.U. – IMAF/CNRS : Ernestina Carreira, Carla Francisco Franco

A.M.U. – CAER : Adriana Florent, Tereza de Almeida, Patricia Madeira

A.M.U. – IRASIA : Pauline Cherrier

A.M.U., Departamento de Português : Carolina Carnier, Cristina Castelo Branco, Ana Conceição, Fabio Soares Silva, Sandra de Almeida, Daniela Preizal

MEMBROS DO COMITE CIENTÍFICO E LABORATÓRIOS PARCEIROS (lista em organização)

Universidade de São Paulo : Helder Garmes (L.I.A.)- Projecto Pensando Goa

I.S.C.T.E. : Rosa Maria Perez (I.U.L.)

Universidade Nova de Lisboa : João Paulo Oliveira e Costa (C.H.A.M.)

Universidade de Lisboa : José Tavim (C.H)

Universidade do Algarve : Sílvia Quinteiro (C.E.C)

Universidade Federal Fluminense : Maria Fernanda Bicalho e José Pessoa

Université Aix-Marseille : Pres Henri Médard (IMAF/CNRS), Chantal Zheng (IRASIA)